

JAMES CLIFFORD

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor

Aloisio Teixeira

Vice-Reitora

Sylvia Vargas

Forum de Ciência e Cultura

Coordenadora

Beatriz Resende

Editora UFRJ

Diretor

Carlos Nelson Coutinho

Coordenação de Edição de Texto

Lisa Stuart

Coordenadora de Produção

Janise Duarte

Conselho Editorial

Carlos Nelson Coutinho (presidente)

Charles Pessanha

Diana Maul de Carvalho

José Luis Fiori

José Paulo Netto

Leandro Konder

Virgínia Fontes

◇ ◇ ◇

A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

antropologia e literatura no século XX

◇ ◇ ◇

Organização e revisão técnica de
José Reginaldo Santos Gonçalves

3ª EDIÇÃO
EDITORIA UFRJ
2008

SOBRE A AUTORIDADE ETNOGRÁFICA

Clifford considera como seus nativos, assim como seus informantes [...] os antropólogos [...]. Estamos sendo observados e inscritos.
Paul Rabinow, *Representations are social facts*.

O frontispício de 1724 do livro *Moeurs des sauvages américains*, do padre Lafitau, retrata o etnógrafo como uma jovem mulher sentada numa escrivaninha em meio a objetos do Novo Mundo, da Grécia Clássica e do Egito. Ela está acompanhada por dois querubins – que ajudam na tarefa de comparação – e pela barbuda personagem do Tempo, que aponta para uma cena que representa a fonte primordial da verdade brotando da pena do escritor. A imagem para a qual a jovem mulher dirige seu olhar é a de um conjunto de nuvens onde estão Adão, Eva e a serpente. Acima deles estão o homem e a mulher redimidos do Apocalipse, de cada lado de um triângulo que irradia luz e ostenta a inscrição *Yahweh*, em alfabeto hebraico.

Já em *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowski, o frontispício é uma fotografia com o título “Um ato cerimonial do kula”. Um colar de conchas está sendo oferecido a um chefe trobriandês, que está de pé na porta de sua casa. Atrás do homem que presentearia o colar está uma fileira de seis jovens, curvados em reverência, um dos quais sopra uma concha. Todas as personagens estão de perfil, com a atenção aparentemente concentrada no rito da troca, um evento importante na vida melanésia. Mas a um olhar mais atento parece que um dos trobriandeses que se curva está olhando para a câmera.

A alegoria de Lafitau é menos familiar: seu autor transcreve, não cria. Diferentemente da foto de Malinowski, a gravura não faz nenhuma referência à experiência etnográfica – apesar dos cinco anos de pesquisa de Lafitau entre os moicanos, uma pesquisa que lhe granjeou um lugar de honra entre os pesquisadores de campo de qualquer geração. Seu relato é apresentado não como um produto de observação de primeira mão, mas como um produto da escrita em um gabinete repleto de objetos. O frontispício de *Os argonautas*, como toda fotografia, afirma uma presença – a da cena diante das lentes; e sugere também outra presença – a do etnógrafo elaborando ativamente esse fragmento da realidade trobriandesa. O sistema de troca kula, tema do livro de Malinowski, foi transformado em algo perfeitamente visível, centrado numa estrutura de percepção, enquanto o olhar de um dos participantes redireciona nossa atenção para o ponto de vista do observador que, como leitores, partilhamos com o etnógrafo e sua câmera. O modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo é assim expresso: “Você está lá... porque eu estava lá”.

Este estudo traça a formação e a desintegração da autoridade etnográfica na antropologia social do século XX. Não é uma explicação completa, nem está baseada numa teoria plenamente desenvolvida da interpretação e da textualidade etnográfica.¹ Os contornos de tal teoria são problemáticos, uma vez que a prática de representação intercultural está hoje mais do que nunca em xeque. O dilema atual está associado à desintegração e à redistribuição do poder colonial nas décadas posteriores a 1950, e às repercussões das teorias culturais radicais dos anos 1960 e 1970. Após a reversão do olhar europeu em decorrência do movimento da “negritude”, após a crise de *conscience* da antropologia em relação a seu *status liberal* no contexto da ordem imperialista, e agora que o Ocidente não pode mais se apresentar como o único provedor de conhecimento antropológico sobre o outro, tornou-se necessário imaginar um mundo de etnografia generalizada. Com a expansão da comunicação e da influência intercultural, as pessoas interpretam os outros, e a si mesmas, numa desnorteante diversidade de idiomas – uma condição global que Mikhail Bakhtin (1981b) chamou de “heteroglossia”.²

Este mundo ambíguo, multivocal, torna cada vez mais difícil conceber a diversidade humana como culturas independentes, delimitadas e inscritas. A diferença é um efeito de sincretismo inventivo. Recentemente, trabalhos como o de Edward Said – *Orientalism* (1978a) – e o de Paulin Hountondji – *Sur la “philosophie” africaine* (1983) – levantaram dúvidas radicais sobre os procedimentos pelos quais grupos humanos estrangeiros podem ser representados, sem propor, de modo definido e sistemático, novos métodos ou epistemologias. Tais estudos sugerem que, se a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências, ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar representar “outros” abstratos e a-históricos. É mais do que nunca crucial para os diferentes povos formar imagens complexas e concretas uns dos outros, assim como das relações de poder e de conhecimento que os conectam; mas nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens. Elas são elaboradas – a crítica dos modos de representação colonial pelo menos demonstrou bem isso – a partir de relações históricas específicas de dominação e diálogo.

As experiências de escrita etnográfica analisadas neste texto não seguem nenhuma direção claramente reformista ou evolucionária. Elas são invenções *ad hoc*, e não podem ser encaradas em termos de uma análise sistemática da representação pós-colonial. Elas são talvez melhor compreendidas como componentes daquela “caixa de ferramentas” da teoria engajada sugerida por Gilles Deleuze e Michel Foucault:

A noção de teoria como uma espécie de caixa de ferramentas significa: 1) que a teoria a ser construída não é um sistema, mas sim um instrumento, uma lógica da especificidade das relações de poder e das lutas em torno delas; 2) que esta investigação só pode se desenvolver passo a passo na base da reflexão (que será necessariamente histórica em alguns de seus aspectos) sobre determinadas situações. (Foucault, 1980, p. 145; ver também 1977, p. 208)

Podemos contribuir para uma reflexão prática sobre a representação intercultural fazendo um inventário das melhores, ainda que imperfeitas, abordagens disponíveis. Destas, o trabalho de

campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado lingüístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e freqüentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. É claro que há um mito do trabalho de campo. A experiência real, cercada como é pelas contingências, raramente sobrevive a esse ideal; mas como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo, a prática da etnografia mantém um certo *status* exemplar. Além disso, se o trabalho de campo foi durante algum tempo identificado com uma disciplina singularmente ocidental e uma ciência totalizante, a “antropologia”, tais associações não são necessariamente permanentes. Os atuais estilos de descrição cultural são historicamente limitados e estão vivendo importantes metamorfoses.

O desenvolvimento da ciência etnográfica não pode, em última análise, ser compreendido separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade. Nesta discussão, porém, mantive o foco na antropologia profissional, e especificamente na etnografia a partir da década de 1950.³ A atual crise – ou melhor, dispersão – da autoridade etnográfica torna possível marcar em linhas gerais um período, limitado pelos anos de 1900 e 1960, durante o qual uma nova concepção de pesquisa de campo se estabeleceu como a norma para as antropologias americana e européia. O trabalho de campo intensivo, realizado por especialistas treinados na universidade, emergiu como uma fonte privilegiada e legitimada de dados sobre povos exóticos. Não se trata aqui da dominância de um único método de pesquisa. (Compare-se Griaule, 1957, com Malinowski, 1922, cap. 1.) Além disso, a hegemonia do trabalho de campo foi estabelecida nos Estados Unidos e na Inglaterra antes e de forma mais difusa do que na França. Os exemplos pioneiros de Franz Boas e da expedição ao estreito de Torres foram seguidos apenas bem mais tarde, pela fundação do Institut d’Ethnologie, em 1925, e pela famosa Missão Dakar-Djibouti, de 1932 (Karady, 1982; Jamin, 1982a; Stocking

Jr., 1983). Apesar disso, em meados da década de 1930 já se pode falar de um consenso internacional em desenvolvimento: as abstrações antropológicas, para serem válidas, deviam estar baseadas, sempre que possível, em descrições culturais intensivas feitas por acadêmicos qualificados. Neste momento, o novo estilo havia se tornado popular, sendo institucionalizado e materializado em práticas textuais específicas.

Recentemente, tornou-se possível identificar e assumir uma certa distância em relação a essas convenções.⁴ Se a etnografia produz interpretações culturais mediante intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma num relato escrito e legítimo? Como, exatamente, um encontro intercultural loquaz e sobredeterminado, atravessado por relações de poder e propósitos pessoais, pode ser circunscrito a uma versão adequada de um “outro mundo” mais ou menos diferenciado, composta por um autor individual?

Analisando esta complexa transformação, deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a estas forças, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade. Essa estratégia tem classicamente envolvido uma afirmação, não questionada, no sentido de aparecer como a provedora da verdade no texto. Uma complexa experiência cultural é enunciada por um indivíduo: *We, the Tikopia*, de Raymond Firth; *Nous avons mangé la forêt*, de Georges Condominas; *Coming of age in Samoa*, de Margart Mead; *Os nuer*, de E. E. Evans-Pritchard.

A discussão que se segue localiza, em primeiro lugar, esta autoridade historicamente, dentro do desenvolvimento de uma ciência da observação participante no século XX. A seguir, ela elabora uma crítica das suposições subjacentes a esta autoridade e uma resenha de práticas textuais emergentes. Estratégias alternativas de autoridade etnográfica podem ser visualizadas em recentes experiências feitas por etnógrafos que conscientemente rejeitam

cenar de representação cultural ao estilo do frontispício do livro de Malinowski. Diferentes versões seculares daquela repleta oficina de escrita de Lafitau estão surgindo. Nos novos paradigmas de autoridade, o escritor não está mais fascinado por personagens transcendentais – uma deidade hebraico-cristã, ou seus substitutos no século XX, o Homem e a Cultura. Nada permaneceu daquele quadro celestial, a não ser a imagem desbotada do antropólogo num espelho. O silêncio da oficina etnográfica foi quebrado por insistentes vozes heteroglotas e pelo ruído da escrita de outras penas.⁵

◊ ◊ ◊

Ao fim do século XIX, nada garantia, *a priori*, o status do etnógrafo como o melhor intérprete da vida nativa – em oposição ao viajante, e especialmente ao missionário e ao administrador, alguns dos quais haviam estado no campo por muito mais tempo e possuíam melhores contatos e mais habilidade na língua nativa. O desenvolvimento da imagem do pesquisador de campo na América, de Frank Hamilton Cushing (um excêntrico) a Margaret Mead (uma figura nacional), é significativo. Durante este período, uma forma particular de autoridade era criada – uma autoridade cientificamente validada, ao mesmo tempo que baseada numa singular experiência pessoal. Durante a década de 1920, Malinowski desempenhou um papel central na legitimação do pesquisador de campo, e devemos lembrar nesse sentido seus ataques à competência de seus competidores no campo. Por exemplo, o magistrado colonial Alex Rentoul, que teve a temeridade de contradizer as descobertas da ciência sobre as concepções trobriandesas de paternidade, foi excomungado nas páginas da revista *Man*, por sua perspectiva não profissional, judiciária (*police court perspective*) (ver Rentoul, 1931a e 1931b; Malinowski, 1932). O ataque ao amadorismo no campo foi levado ainda mais longe por A. R. Radcliffe-Brown, que, como Ian Langham mostrou, passou a tipificar o profissional da ciência, descobrindo rigorosas leis sociais (Langham, 1981, cap. 7). O que emergiu durante a primeira metade do século XX com o sucesso do pesquisador de campo profissional foi uma nova fusão de teoria geral com pesquisa empírica, de análise cultural com descrição etnográfica.

O teórico-pesquisador de campo substituiu uma divisão mais antiga entre o “*man on the spot*” (nas palavras de James Frazer) e o sociólogo ou antropólogo na metrópole. Esta divisão de trabalho variava em diferentes tradições nacionais. Nos Estados Unidos, por exemplo, Morgan tinha conhecimento pessoal de pelo menos algumas das culturas que serviram como material para suas sínteses sociológicas; e Boas foi pioneiro em fazer o trabalho de campo intensivo condição *sine qua non* de um discurso antropológico sério. Em termos gerais, no entanto, antes de Malinowski, Radcliffe-Brown e Mead terem estabelecido com sucesso a norma do *scholar*, treinado na universidade, testando e fazendo teoria a partir de pesquisa de primeira mão, prevalecia uma organização bem diferente do conhecimento etnográfico. Por exemplo, *The Melanesians* (1891), de R. H. Codrington, é uma detalhada compilação de folclore e costumes, elaborada a partir de um período relativamente longo de pesquisa como missionário e baseada em colaboração intensiva de tradutores e informantes nativos. O livro não está organizado em torno de uma “experiência” de trabalho de campo, nem propõe uma hipótese interpretativa unificada, funcional, histórica ou quaisquer outras. Ele se limita a generalizações de pequeno alcance e à compilação de um eclético conjunto de informações. Codrington (1972, p. vi-vii) está agudamente consciente da incompletude de seu conhecimento, acreditando que a verdadeira compreensão da vida nativa começa apenas depois de uma década, ou algo assim, de experiência e estudo. Esta compreensão da dificuldade de se captar o mundo de outros povos – os muitos anos de aprendizado e desaprendizado necessários, os problemas para se adquirir uma competência lingüística suficientemente boa – tendia a dominar os trabalhos da geração de Codrington. Tais suposições seriam em breve desafiadas pelo confiante relativismo cultural do modelo malinowskiano. Os novos pesquisadores de campo se distinguiam nitidamente dos anteriores “*men on the spot*” – o missionário, o administrador, o comerciante e o viajante –, cujo conhecimento dos povos indígenas, argumentavam, não estava informado pelas melhores hipóteses científicas ou por uma suficiente neutralidade.

Antes do surgimento da etnografia profissional, escritores como J. F. McLennan, John Lubbock e E. B. Tylor haviam tentado

controlar a qualidade dos relatos sobre os quais estavam baseadas suas sínteses antropológicas. Eles o fizeram por meio do roteiro do *Notes and queries*, e, no caso de Tylor, pelo cultivo de relações de trabalho prolongadas com pesquisadores sofisticados no campo, tais como o missionário Lorimer Fison. Após 1883, como recém-nomeado professor conferencista de Antropologia em Oxford, Tylor estimulou a coleta sistemática de dados etnográficos por profissionais qualificados. O United States Bureau of Ethnology, já devotado a essa tarefa, forneceu um modelo. Tylor participou ativamente da fundação de um comitê sobre as tribos do noroeste do Canadá. O primeiro agente do comitê na área foi E. F. Wilson, o veterano missionário, com 19 anos de experiência entre os ojibwa. Ele foi logo substituído por Boas, um físico em processo de mudança para a etnografia profissional. George Stocking Jr. argumentou, de forma convincente, que a substituição de Wilson por Boas “marca o início de uma importante fase no desenvolvimento do método etnográfico britânico: a coleta de dados por cientistas naturais treinados na academia, definindo-se a si mesmos como antropólogos, e envolvidos também na formulação e na avaliação da teoria antropológica (Stocking Jr., 1983, p. 74). Com o pioneiro *survey* de Boas e a emergência, na década de 1890, de outros pesquisadores de campo que eram cientistas naturais, como A. C. Haddon e Baldwin Spencer, o movimento em direção à etnografia profissional estava a caminho. A expedição de 1899 ao estreito de Torres pode ser encarada como a culminância do trabalho desta “geração intermediária”, como Stocking Jr. a chamou. O novo estilo de pesquisa era claramente diferente daquele dos missionários e outros amadores no campo, e era parte de uma tendência geral que vinha desde Tylor, de “elaborar de modo mais articulado os componentes empíricos e teóricos da pesquisa antropológica” (ibid., p. 72).

No entanto, o estabelecimento da observação participante intensiva como uma norma profissional teria de esperar as hostes malinowskianas. A “geração intermediária” de etnógrafos não vivia tipicamente num só local por um ano ou mais, dominando a língua nativa e sofrendo uma experiência de aprendizado pessoal comparável a uma iniciação. Eles não falavam como se fizessem parte

daquela cultura, mas mantinham a atitude documentária, observadora, de um cientista natural. A principal exceção antes da terceira década do século XX, Frank Hamilton Cushing, permaneceu um exemplo isolado. Como Curtis Hinsley sugeriu, a longa pesquisa de primeira mão sobre os zuni, realizada por Cushing, sua quase absorção pelo modo de vida dos nativos, “despertou problemas de verificação e explicação [...]. Uma comunidade de antropologia científica nos moldes das outras ciências requeria o uso de uma linguagem comum de discurso, canais de comunicação regular, e pelo menos um consenso mínimo para julgar um método” (Hinsley, 1983, p. 66). O conhecimento intuitivo e excessivamente pessoal de Cushing, a respeito dos zuni, não podia oferecer autoridade científica.

Em termos esquemáticos, antes do final do século XIX, o etnógrafo e o antropólogo, aquele que descrevia e traduzia os costumes e aquele que era o construtor de teorias gerais sobre a humanidade, eram personagens distintos. (Uma percepção clara da tensão entre etnografia e antropologia é importante para que se perceba corretamente a união recente, e talvez temporária, dos dois projetos.) Malinowski nos dá a imagem do novo “antropólogo”: acocorando-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa. O estatuto literário desta nova autoridade está no primeiro capítulo de *Os argonautas*, com suas fotografias, ostensivamente dispostas, da tenda do etnógrafo, armada entre as casas da aldeia de Kiriwina. A mais aguda justificação metodológica para o novo modelo é encontrada no *Andaman islanders*, de Radcliffe-Brown (1948). Os dois livros foram publicados com a diferença de um ano de um para outro. E embora seus autores desenvolvam estilos de trabalho de campo e visões sobre a ciência cultural bem diferentes, ambos os textos fornecem argumentos explícitos para a autoridade especial do antropólogo-etnógrafo.

Malinowski, como mostram suas notas para a crucial introdução de *Os argonautas*, estava muito preocupado com o problema retórico de convencer seus leitores de que os fatos que estava colocando diante deles eram objetivamente adquiridos, não criações subjetivas (Stocking Jr., 1983, p. 105). Além disso, ele estava to-

talmente ciente de que “na etnografia, é freqüentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador por meio de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal” (Malinowski, 1922, p. 3-4). Stocking Jr. analisou de forma elegante os vários artifícios literários de *Os argonautas* (suas construções narrativas envolventes, o uso da voz ativa no “presente etnográfico”, as dramatizações encenadas da participação do autor em cenas da vida trobriandesa), técnicas que Malinowski usou para que “sua própria experiência quanto à experiência dos nativos [pudesse] se tornar também a experiência do leitor” (Stocking Jr., 1983, p. 106; ver também Payne, 1981 e o capítulo 3 deste livro). Os problemas de verificação e explicação que haviam relegado Cushing à margem da vida profissional rondavam as preocupações de Malinowski. Esta ansiedade se reflete na massa de dados contida em *Os argonautas*, suas 66 ilustrações fotográficas, e a agora curiosa “Lista cronológica dos eventos kula testemunhados pelo autor”, a constante alternância entre a descrição impessoal do comportamento típico e declarações do gênero “eu testemunhei” e “Nosso grupo, navegando a partir do Norte”.

Os argonautas é uma complexa narrativa, simultaneamente sobre a vida trobriandesa e sobre o trabalho de campo etnográfico. Ela é arquetípica do conjunto de etnografias que com sucesso estabeleceu a validade científica da observação participante. A história da pesquisa construída em *Os argonautas*, no popular trabalho de Mead sobre Samoa e em *We, the Tikopia*, tornou-se uma narrativa implícita subjacente a todos os relatos profissionais sobre mundos exóticos. Se as etnografias subseqüentes não precisavam incluir relatos de campo desenvolvidos, foi porque tais relatos eram supostos, a partir de uma declaração inicial, tal como a simples frase de Godfrey Lienhardt no início de *Divinity and experience*: “Este livro é baseado num trabalho de dois anos entre os dinka, no período entre 1947 e 1950” (1961, p. vii).

Na década de 1920, o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural sintética baseada na observação

participante (Thornton, 1983). O novo estilo de representação dependia de inovações institucionais e metodológicas que contornavam os obstáculos a um rápido conhecimento sobre outras culturas que haviam preocupado os melhores representantes da geração de Codrington. Essas inovações podem ser brevemente resumidas.

Primeiro, a *persona* do pesquisador de campo foi legitimada, tanto pública quanto profissionalmente. No domínio popular, figuras de proa, tais como Malinowski, Mead e Marcel Griaule, transmitiram uma visão da etnografia como cientificamente rigorosa ao mesmo tempo que heróica. O etnógrafo profissional era treinado nas mais modernas técnicas analíticas e modos de explicação científica. Isto lhe conferia, no campo, uma vantagem sobre os amadores: o profissional podia afirmar ter acesso ao cerne de uma cultura mais rapidamente, entendendo suas instituições e estruturas essenciais. Uma atitude prescrita de relativismo cultural distinguia o pesquisador de campo de missionários, administradores e outros, cuja visão sobre os nativos era, presumivelmente, menos imparcial, e que estavam preocupados com os problemas político-administrativos ou com a conversão. Além da sofisticação científica e da simpatia relativista, uma variedade de padrões normativos para a nova forma de pesquisa surgiu: o pesquisador de campo deveria viver na aldeia nativa, ficar lá por um período de tempo suficiente (mas raramente especificado), usar a língua nativa, investigar certos temas clássicos, e assim por diante.

Segundo, era tacitamente aceito que o etnógrafo do novo estilo, cuja estadia no campo raramente excedia dois anos, e, freqüentemente, era bem mais curta, podia eficientemente “usar” as línguas nativas mesmo sem dominá-las. Num significativo artigo de 1939, Margaret Mead argumentava que o etnógrafo, seguindo a prescrição de Malinowski de evitar os intérpretes e conduzindo a pesquisa na língua nativa, na verdade não precisava demonstrar fluência nessa língua, mas podia “usá-la” apenas para fazer perguntas, manter contato e de forma geral participar da outra cultura, enquanto obtinha bons resultados de pesquisa em áreas particulares de concentração. Isto, com efeito, justificava a própria prática de Margaret

Mead, que se realizava a partir de estadias relativamente curtas e com um foco em domínios específicos, tais como “infância” ou “personalidade”, focos estes que funcionariam como “tipos” para uma síntese cultural. A atitude de Mead em relação ao “uso” da língua era amplamente característica de uma geração etnográfica que podia, por exemplo, reconhecer como legítimo um estudo intitulado *Os nuer*, que era baseado em apenas onze meses de difícil pesquisa. O artigo de Mead provocou uma aguda resposta de Robert Lowie (1940), que escrevia a partir da primeira tradição boasiana, mais filológica em sua orientação. Mas sua ação era de retaguarda; de forma geral, já havia consenso quanto ao ponto segundo o qual uma pesquisa legítima poderia na prática ser realizada com base em um ou dois anos de familiaridade com uma língua estrangeira (muito embora, como Lowie sugeria, ninguém daria crédito a uma tradução de Proust que fosse baseada num conhecimento equivalente do francês).

Terceiro, a nova etnografia era marcada por uma acentuada ênfase no poder de observação. A cultura era pensada como um conjunto de comportamentos, cerimônias e gestos característicos passíveis de registro e explicação por um observador treinado. Mead frisou bem este ponto (na verdade, seus próprios poderes de análise visual eram extraordinários). Como uma tendência geral, o *observador participante* emergiu como uma norma de pesquisa. Por certo, o trabalho de campo bem-sucedido mobilizava a mais completa variedade de interações, mas uma distinta primazia era dada ao visual: a interpretação dependia da descrição. Após Malinowski, uma suspeita generalizada em relação aos “informantes privilegiados” refletia esta preferência sistemática pelas observações (metódicas) do etnógrafo em detrimento das interpretações (interessadas) das autoridades nativas.

Quarto, algumas poderosas abstrações teóricas prometiam auxiliar os etnógrafos acadêmicos a “chegar ao cerne” de uma cultura mais rapidamente do que alguém, por exemplo, que empreendesse um inventário exaustivo de costumes e crenças. Sem levar anos para conhecer os nativos, seus complexos hábitos e língua, em íntimos detalhes, o pesquisador podia ir atrás de dados selecio-

nados que permitiriam a construção de um arcabouço central, ou “estrutura”, do todo cultural. O “método genealógico” de Rivers, seguido pelo modelo de Radcliffe-Brown, baseado na noção de “estrutura social”, fornecia essa espécie de atalho. Era como se alguém pudesse deduzir os termos de parentesco sem uma profunda compreensão da língua nativa e o necessário conhecimento contextual convenientemente limitado.

Quinto, uma vez que a cultura, vista como um todo complexo, estava sempre além do alcance numa pesquisa de curta duração, o novo etnógrafo pretendia focalizar tematicamente algumas instituições específicas. O objetivo não era contribuir para um completo inventário ou descrição de costumes, mas sim chegar ao todo por uma ou mais de suas partes. Já mencionei o privilégio que se deu, por um certo tempo, à estrutura social. Um ciclo de vida individual, um complexo ritual, como o circuito do kula, ou a cerimônia do naven, poderiam também servir, assim como categorias de comportamento, tais como economia, política, e assim por diante. Na retórica da nova etnografia, predominantemente fundada na sinédoque, as partes eram concebidas como microcosmos ou analogias do todo. Na representação de um universo coerente, o cenário composto por instituições, em primeiro plano, situadas contra panos de fundo culturais, adequava-se a convenções literárias realistas.

Sexto, os todos assim representados tendiam a ser sincrônicos, produtos de uma atividade de pesquisa de curta duração. O pesquisador de campo, operando de modo intensivo, poderia, de forma plausível, traçar o perfil do que se convencionou chamar “presente etnográfico” – o ciclo de um ano, uma série de rituais, padrões de comportamento típico. Introduzir uma pesquisa histórica de longa duração teria complicado e tornado impossível a tarefa do novo estilo de trabalho de campo. Assim, quando Malinowski e Radcliffe-Brown estabeleceram sua crítica à “história conjectural” dos difusionistas, foi muito fácil excluir os processos diacrônicos como objetos do trabalho de campo, com conseqüências que têm sido suficientemente apontadas.

Estas inovações serviram para validar uma etnografia eficiente, baseada na observação participante científica. Seus efeitos combinados podem ser vistos claramente no que pode ser considerado o *tour de force* da nova etnografia, *Os nuer*, de Evans-Pritchard, publicado em 1940. Baseado em onze meses de pesquisa realizada em condições quase impossíveis, Evans-Pritchard foi, todavia, capaz de compor um clássico. Ele chegou, como a notável introdução do livro nos informa, ao território nuer logo após uma expedição militar punitiva, respondendo a uma solicitação urgente do governo do Sudão anglo-egípcio, e foi o objeto de intensa e constante suspeição. Apenas nos poucos meses finais pôde conversar efetivamente com os informantes que, conta ele, eram mestres em esquivar-se de suas perguntas. Em tais circunstâncias, sua monografia é uma espécie de milagre.

Ao fazer proposições limitadas e sem fazer segredo das dificuldades de sua pesquisa, Evans-Pritchard conseguiu apresentar seu estudo como uma demonstração da eficácia da teoria. Ele focaliza a “estrutura” social e política dos nuer, analisada como um conjunto abstrato de relações entre segmentos territoriais, linhagens, conjuntos etários e outros grupos mais fluidos. Este conjunto analiticamente construído é representado contra um pano de fundo “ecológico” composto por padrões migratórios, relações com o gado, noções de tempo e espaço. Evans-Pritchard distingue claramente seu método daquilo que ele chama de documentação “fortuita” (malinowskiana). *Os nuer* não é um extenso compêndio de observações e textos em língua nativa ao estilo do *Os argonautas* e do *Coral gardens*, de Malinowski. Evans-Pritchard argumenta com rigor que “os fatos só podem ser selecionados e articulados à luz da teoria” (1969, p. 261). A singela abstração de uma estrutura político-social oferece o necessário enquadramento. Se eu for acusado de descrever fatos como exemplificações de minha teoria, ele então assinala, terei sido compreendido (ibid.).

Em *Os nuer*, Evans-Pritchard defende abertamente o poder da abstração científica para direcionar a pesquisa e articular dados complexos. O livro freqüentemente se apresenta mais como um argumento do que como uma descrição, mas não consistentemen-

te: seu argumento teórico é cercado por evocações e interpretações habilmente narradas e observadas sobre a vida dos nuer. Estas passagens funcionam retoricamente como mais do que apenas “exemplificações”, pois efetivamente envolvem o leitor na complexa subjetividade da observação participante. Isto pode ser visualizado num parágrafo característico, que se desenvolve por meio de uma série de posições discursivas descontínuas:

— É difícil encontrar, em inglês, uma palavra que descreva adequadamente a posição social dos *diel* numa tribo. Chamamo-nos aristocratas, mas não pretendemos dizer que os nuer os consideram como de grau superior pois, como ressaltamos enfaticamente, a idéia de alguém predominando sobre os demais lhes repugna. No conjunto — explicaremos esta colocação mais adiante — os *diel* têm mais prestígio do que posição, e mais influência do que poder. Se você é um *diel* da tribo em que vive, você é mais do que um membro da tribo. É um dos donos da região, do terreno da aldeia, dos pastos, dos reservatórios de pesca e dos poços. Outras pessoas vivem ali em virtude de casamentos feitos com membros de seu clã, da adoção pela sua linhagem ou algum outro laço social. Você é um líder da tribo, e o nome-de-lança de seu clã é invocado quando a tribo entra em guerra. Sempre que há um *diel* numa aldeia, esta se agrupa a seu redor, assim como o gado se agrupa ao redor de seu touro. (Ibid., p. 215)

As primeiras três frases são apresentadas como um argumento sobre tradução, mas de passagem elas atribuem aos nuer um conjunto estável de atitudes. (Mais adiante comentarei mais sobre esse estilo de atribuição.) Em seguida, nas quatro frases que começam por “Se você é um *diel*...”, a construção na segunda pessoa une o leitor e o nativo numa participação textual. A frase final, apresentada como a descrição direta de um acontecimento típico (que o leitor agora assimila do ponto de vista do observador participante), evoca a cena por meio das metáforas nuer sobre gado. Nas oito frases do parágrafo, um argumento sobre tradução transforma-se numa ficção de participação e, em seguida, numa fusão metafórica de descrições culturais estrangeiras e nativas. Realiza-se, assim, a união subjetiva de análise abstrata com experiência concreta.

Evans-Pritchard depois se afastaria da posição teórica assumida em *Os nuer*, rejeitando sua defesa da “estrutura social” como um enquadramento privilegiado. Na verdade, cada um dos “ata-

lhos” do trabalho de campo que enumerei anteriormente era e continua sendo contestado. Apesar disso, pela disposição desses atalhos em diferentes combinações, a autoridade do teórico-pesquisador de campo acadêmico foi estabelecida entre os anos de 1920 e 1950. Esse amálgama peculiar de experiência pessoal intensa e análise científica (entendida nesse período tanto como “rito de passagem” quanto como “laboratório”) emergiu como um método: a observação participante. Ainda que entendido de formas variadas, e agora questionado em muitos lugares, esse método continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional. Sua complexa subjetividade é rotineiramente reproduzida na escrita e na leitura das etnografias.



A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim, adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante. Entendida de modo literal, a observação participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação. Assim é como os mais recentes e persuasivos defensores do método o reelaboraram, na tradição que vem de Wilhelm Dilthey, passa por Max Weber e chega até os antropólogos dos “símbolos e dos significados”, como Clifford Geertz. Experiência e interpretação têm recebido, no entanto, ênfases diferentes quando apresentadas como estratégias de autoridade. Em anos recentes, tem havido um notável deslocamento de ênfase do primeiro para o segundo termo. Este e os próximos segmentos do texto vão explorar os diferentes usos da experiência e da interpretação, assim como o desdobramento de sua inter-relação.

O crescente prestígio do teórico-pesquisador de campo colocou em segundo plano (sem eliminá-la) uma série de processos e

mediadores que haviam figurado de modo mais destacado nos métodos anteriores. Vimos como o domínio da língua foi definido como um nível de uso adequado para reunir um conjunto pequeno de dados num limitado período de tempo. As tarefas da transcrição textual e da tradução, junto com o papel dialógico crucial de intérpretes e “informantes privilegiados”, foram relegadas a um *status* secundário, ou mesmo desprezadas. O trabalho de campo estava centrado na *experiência* do *scholar* que observava/participava. Uma nítida imagem, ou narrativa, surgiu – a de um estranho entrando em uma cultura, sofrendo um tipo de iniciação que levaria a um *rapport* (minimamente aceitação e empatia, mas usualmente implicando algo próximo à amizade). A partir dessa experiência emergia, de modos não especificados, um texto representacional, escrito pelo observador participante. Como veremos, esta versão da produção textual obscurece tanto quanto revela. Mas vale a pena considerar seriamente o seu pressuposto principal: o de que a experiência do pesquisador pode servir como uma fonte unificadora da autoridade no campo.

A autoridade experiencial está baseada numa “sensibilidade” para o contexto estrangeiro, uma espécie de conhecimento tácito acumulado, e um sentido agudo em relação ao estilo de um povo ou de um lugar. Esse requisito é freqüentemente explícito nos textos dos primeiros observadores participantes profissionais. A suposição de Margaret Mead de poder captar o princípio ou *ethos* subjacente a uma cultura por meio de uma sensibilidade aguçada à forma, tom, gesto e estilos de comportamento, e a ênfase de Malinowski em sua vida na aldeia e a compreensão derivada dos “imponderáveis da vida real” são exemplos destacados. Muitas etnografias – por exemplo, a de Colin Turnbull, *Forest people* (1962) – ainda são apresentadas no modo experiencial, defendendo, anteriormente a qualquer hipótese de pesquisa ou método específicos, o “eu estava lá” do etnógrafo como membro integrante e participante.

Certamente é difícil dizer muita coisa a respeito de “experiência”. Assim como “intuição”, ela é algo que alguém tem ou não tem, e sua invocação freqüentemente cheira a mistificação.

Todavia, pode-se resistir à tentação de transformar toda experiência significativa em interpretação. Embora as duas estejam reciprocamente relacionadas, não são idênticas. Faz sentido mantê-las separadas, quanto mais não seja porque apelos à experiência muitas vezes funcionam como validações para a autoridade etnográfica.

O argumento mais sério sobre o papel da experiência nas ciências históricas e culturais está contido na noção geral de *Verstehen*.⁶ Na influente visão de Dilthey (1976), o ato de compreender os outros inicialmente deriva do simples fato da coexistência num mundo que é partilhado; mas esse mundo experiencial, um terreno intersubjetivo para formas objetivas de conhecimento, é precisamente o que falta, ou é problemático, para um etnógrafo ao penetrar uma cultura estrangeira. Assim, durante os primeiros meses no campo (e na verdade durante toda a pesquisa), o que acontece é um aprendizado da linguagem, em seu sentido mais amplo. A “esfera comum” de Dilthey deve ser estabelecida e restabelecida, a partir da construção de um mundo de experiências partilhadas, em relação ao qual todos os “fatos”, “textos”, “eventos” e suas interpretações serão construídos. Esse processo de se viver a entrada num universo expressivo estranho é sempre subjetivo, por natureza, mas se torna rapidamente dependente do que Dilthey chama de “expressões permanentemente fixadas”, formas estáveis às quais a compreensão pode sempre retornar. A exegese dessas formas fornece o conteúdo de todo conhecimento sistemático histórico-cultural. Assim, a experiência está intimamente ligada à interpretação. (Dilthey está entre os primeiros teóricos modernos a comparar a compreensão de formas culturais com a leitura de “textos”.) Mas esse tipo de leitura ou exegese não pode ocorrer sem uma intensa participação pessoal, um ativo “sentir-se em casa” num universo comum.

Seguindo os passos de Dilthey, a “experiência” etnográfica pode ser encarada como a construção de um mundo comum de significados, a partir de estilos intuitivos de sentimento, percepção e inferências. Essa atividade faz uso de pistas, traços, gestos e restos de sentido antes de desenvolver interpretações estáveis. Tais formas fragmentárias de experiência podem ser classificadas como estéticas

e/ou divinatórias. Há espaço aqui para apenas algumas palavras sobre tais estilos de compreensão em sua relação com a etnografia. Uma evocação de um modo estético é convenientemente fornecido por A. L. Kroeber, em uma resenha de 1931 do *Growing up in New Guinea*, de Mead:

Primeiro de tudo, está claro que ela possui em grau elevado as faculdades de apreender rapidamente as principais tendências que uma cultura impinge aos indivíduos, e de delinear-las em retratos compactos de incrível agudeza. O resultado é uma representação de extraordinária vivacidade e semelhança em relação à vida. Obviamente, algo de um sensacionalismo intelectualizado, ainda que forte, subjaz a essa capacidade; também obviamente, há um alto grau de intuição, no sentido da habilidade de compor um quadro convincente a partir de pistas, pois pistas são tudo o que alguns de seus dados podem ser, com apenas seis meses para aprender uma língua e penetrar no interior de toda uma cultura, além da especialização em comportamento infantil. De qualquer forma, o quadro, tão longe quanto pode ir, é totalmente convincente para este resenhador, que admira sem reservas a segurança dos *insights* e a eficiência do traço da autora na descrição. (Kroeber, 1931, p. 248)

Uma formulação diferente é fornecida por Maurice Leenhardt em *Do Kamo: la personne et le mythe dans le monde mélanésien* (1937), um livro que, em seu por vezes enigmático modo de exposição, requer de seus leitores justamente o tipo de percepção estética e gestáltica, na qual distinguiam-se tanto Mead quanto Leenhardt. O endosso de Leenhardt a esse tipo de abordagem é significativo, uma vez que, dada sua experiência de campo extremamente longa, e seu profundo cultivo de uma língua melanésia, seu método não pode ser visto como uma racionalização para uma etnografia de curto prazo:

Na verdade, nosso contato com o outro não é realizado por meio da análise. Antes, nós o apreendemos como um todo. Desde o início, podemos esboçar nossa visão dele a partir de um detalhe simbólico, Ou de um perfil, que contém um todo em si mesmo e evoca a verdadeira forma de seu modo de ser. Esta última é o que nos escapa se abordamos nosso próximo usando apenas as categorias de nosso intelecto. (Leenhardt, 1937)

Outro modo de levar a sério a experiência como fonte de conhecimento etnográfico é fornecido pelos estudos de Carlo Ginzburg

(1990, p. 143-180) sobre a complexa tradição das práticas de adivinhação. Sua pesquisa abrange desde as primeiras interpretações feitas por caçadores a partir de rastros dos animais, passando pelas formas mesopotâmicas de predição, pelo deciframento de sintomas na medicina hipocrática, pela atenção aos detalhes na identificação de falsificação no mundo da arte, até Freud, Sherlock Holmes e Proust. Estes estilos de adivinhação, que não passam pela experiência do transe, apreendem relações circunstanciais específicas de significado e estão baseadas em palpites, na leitura de indícios aparentemente disparatados e em ocorrências casuais. Ginzburg propõe seu modelo de “conhecimento conjectural” como um modo disciplinado de compreensão, não-generalizante e abduutivo, que é de importância central para as ciências culturais, embora isso não seja reconhecido. Esse modelo pode se somar a um estoque de recursos que na verdade é bem modesto, e que serve para entender com mais precisão como alguém se sente ao penetrar numa situação etnográfica não-familiar.

Precisamente porque é difícil pinçá-la, a “experiência” tem servido como uma eficaz garantia de autoridade etnográfica. Há, sem dúvida, uma reveladora ambigüidade no termo. A experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção. A palavra também sugere um conhecimento cumulativo, que vai se aprofundando (“sua experiência de dez anos na Nova Guiné”). Os sentidos se juntam para legitimar o sentimento ou a intuição real, ainda que inexprimível, do etnógrafo a respeito do “seu” povo. É importante notar, porém, que esse “mundo”, quando concebido como uma criação da experiência, é subjetivo, não dialógico ou intersubjetivo. O etnógrafo acumula conhecimento pessoal sobre o campo (a forma possessiva “meu povo” foi até recentemente bastante usada nos círculos antropológicos, mas a frase na verdade significa “minha experiência”).

◊ ◊ ◊

É compreensível, dado seu caráter vago, que o critério experiencial da autoridade – crenças não problematizadas no “método” da observação participante, no poder das relações de afinidade emocional, da empatia etc. – tenha sido submetido a críticas por antropólogos hermeneuticamente sofisticados. O segundo momento na dialética entre experiência e interpretação tem recebido atenção e elaboração crescentes (ver, por exemplo, Geertz, 1973, 1976; Rabinow e Sullivan, 1979; Winner, 1976; Sperber, 1981). A interpretação, baseada num modelo filológico de “leitura” textual, surgiu como uma alternativa sofisticada às afirmações hoje aparentemente ingênuas de autoridade experiencial. A antropologia interpretativa desmistifica muito do que anteriormente passara sem questionamento na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas. Ela contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos (e, num sentido amplo, poéticos) pelos quais objetos “culturais” são inventados e tratados como significativos.

O que está suposto no ato de se olhar a cultura como um conjunto de textos a serem interpretados? Um estudo clássico é fornecido por Paul Ricoeur, em seu ensaio *The model of text: meaningful action considered as a text* (1971). Clifford Geertz (1973, cap. 1), numa série de estimulantes e sutis discussões, adaptou a teoria de Ricoeur ao trabalho de campo antropológico. A “textualização” é entendida como um pré-requisito para a interpretação, a constituição das “expressões fixadas” de Dilthey. Trata-se do processo pelo qual o comportamento, a fala, as crenças, a tradição oral e o ritual não escritos vêm a ser marcados como um *corpus*, um conjunto potencialmente significativo, separado de uma situação imediata discursiva ou performativa. No momento da textualização, este *corpus* significativo assume uma relação mais ou menos estável com um contexto; e já conhecemos o resultado final desse processo em muito do que é considerado como uma descrição etnográfica densa. Por exemplo, dizemos que uma certa instituição ou segmento de comportamento são típicos de, ou um elemento comunicativo em, uma cultura circundante, como a famosa briga de galos de Geertz (1973, cap. 15), que se toma um *locus* intensa-

mente significativo da cultura balinesa. São criadas áreas de sinédoques nas quais partes são relacionadas a todos, e por meio das quais o todo – que usualmente chamamos de cultura – é constituído.

Ricoeur na verdade não privilegia as relações entre parte e todo nem as formas específicas de analogia que constituem as representações funcionalistas ou realistas. Ele simplesmente propõe uma relação necessária entre o texto e o “mundo”. Um mundo não pode ser apreendido diretamente; ele é sempre inferido a partir de suas partes, e as partes devem ser separadas conceitual e perceptualmente do fluxo da experiência. Desse modo, a textualização gera sentido por meio de um movimento circular que isola e depois contextualiza um fato ou evento em sua realidade englobante. Um modo familiar de autoridade é gerado a partir da afirmação de que se estão representando mundos diferentes e significativos. A etnografia é a interpretação das culturas.

Um segundo passo fundamental na análise de Ricoeur é seu estudo do processo pelo qual o “discurso” se torna texto. O discurso, na clássica discussão de Émile Benveniste (1971, p. 217-230), é um modo de comunicação no qual são intrínsecas as presenças do sujeito que fala e da situação imediata da comunicação. O discurso é marcado pelos pronomes (explícitos ou implícitos) *eu* e *você*, e pelos dêiticos – *este*, *aquele*, *agora* etc. – que assinalam o momento presente do discurso, em vez de algo além dele. O discurso não transcende a ocasião específica na qual um sujeito se apropria dos recursos da linguagem para se comunicar dialogicamente. Ricoeur argumenta que o discurso não pode ser interpretado do modo aberto e potencialmente público como um texto é “lido”. Para entender o discurso, “você tem de ter estado lá”, na presença do sujeito. Para o discurso se tornar texto, ele deve se transformar em algo “autônomo”, nos termos de Ricoeur, separado de uma locução específica e de uma intenção autoral. A interpretação não é uma interlocução. Ela não depende de estar na presença de alguém que fala.

A relevância desta distinção para a etnografia é talvez óbvia demais. Em última análise, o etnógrafo sempre vai embora, levando

com ele textos para posterior interpretação (e entre estes “textos” que são levados podemos incluir as memórias – eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posteriores). O texto, diferentemente do discurso, pode viajar. Se muito da escrita etnográfica é produzido no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar. Os dados constituídos em condições discursivas, dialógicas, são apropriados apenas por meio de formas textualizadas. Os eventos e os encontros da pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas, ou exemplos.

Esta tradução da experiência da pesquisa num *corpus* textual separado de suas ocasiões discursivas de produção tem importantes conseqüências para a autoridade etnográfica. Os dados assim reformulados não precisam mais ser entendidos como a comunicação de pessoas específicas. Uma explicação ou descrição de um costume por um informante não precisa ser construída de uma forma que inclua a mensagem “fulano e fulano disseram isso”. Um ritual ou um evento textualizados não estão mais intimamente ligados à produção daquele evento por atores específicos. Em vez disso, estes textos se tornam evidências de um contexto englobante, uma realidade “cultural”. Além disso, como os autores e atores específicos são separados de suas produções, um “autor” generalizado deve ser inventado, para dar conta do mundo ou contexto dentro do qual os textos são ficcionalmente realocados. Este “autor generalizado” aparece sob uma variedade de nomes: o ponto de vista nativo, “os trobriandeses”, “os nuer”, “os dogon”, como estas e outras expressões similares aparecem nas etnografias. “Os balineses” funcionam como os “autores” da briga de galos textualizada por Geertz.

O etnógrafo, portanto, usufrui de uma relação especial com uma origem cultural ou um “sujeito absoluto” (Michel-Jones, 1978, p. 14). É tentador comparar o etnógrafo com o intérprete literário (e esta comparação é cada vez mais um lugar-comum) – mas mais especificamente com o crítico tradicional, que encara como sua a tarefa de organizar os significados não controlados em um texto numa única intenção coerente. Ao representar os nuer, os trobrian-

deses ou os balineses como sujeitos totais, fontes de uma intenção cheia de significados, o etnógrafo transforma as ambigüidades e diversidades de significado da situação de pesquisa num retrato integrado. É importante, porém, assinalar o que foi deixado de lado. O processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe evocar. A realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada. Mas os informantes – juntamente com as notas de campo –, intermediários cruciais, são tipicamente excluídos de etnografias legítimas. Os aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica tendem a ser banidos do texto representativo final. Não inteiramente banidos, claro; existem aí *topoi* aprovados para traçar o retrato do processo de pesquisa.

Estamos cada vez mais familiarizados com o relato do trabalho de campo feito em separado (um subgênero que ainda tende a ser classificado como subjetivo, “leve”, ou não-científico), mas mesmo nas etnografias clássicas, “fábulas do contato” mais ou menos estereotípicas narram a realização do pleno *status* de observador participante. Essas fábulas podem ser contadas de forma elaborada ou resumidamente, ingênua ou ironicamente. Elas normalmente retratam a inicial ignorância do etnógrafo, os mal-entendidos, a falta de contatos – freqüentemente, um tipo de *status* semelhante ao da criança numa cultura. No *Bildungsgeschichte* da etnografia, estes estados de inocência ou confusão são substituídos por um conhecimento adulto, confiante e desabusado. Podemos citar novamente a briga de galos de Geertz, em que uma inicial alienação em relação aos balineses, um confuso *status* de “não-pessoa”, é transformada pela atraente fábula da batida policial e sua demonstração de cumplicidade (1973, p. 278-283). A anedota estabelece um pressuposto de conexão, que permite ao escritor funcionar em sua análise subsequente como um exegeta e um porta-voz onipresente e sábio. Este intérprete situa o esporte ritual como um texto num mundo contextual e brilhantemente “lê” seus significados culturais. O abrupto desaparecimento de Geertz em sua relação – a quase-invisibilidade da observação participante – é paradigmático. Aqui ele faz uso de uma convenção estabelecida para encenar a realização da autoridade etno-

gráfica. Como resultado, raramente ficamos cientes do fato de que uma parte essencial da construção da briga de galos como texto é dialógica – a conversa do autor cara a cara com balineses específicos, e não a leitura da cultura “por cima de seus ombros” (ibid., p. 452).

◇ ◇ ◇

A antropologia interpretativa, ao ver as culturas como conjuntos de textos, frouxa e, por vezes, contraditoriamente unidos, e ao ressaltar a inventiva poética em funcionamento em toda representação coletiva, contribuiu significativamente para o estranhamento da autoridade etnográfica. Em seus principais aspectos realistas, porém, não escapa aos limites gerais apontados por aqueles críticos da representação “colonial” que, desde 1950, têm rejeitado discursos que retratam as realidades culturais de outros povos sem colocar sua própria realidade em questão. Nas pioneiras críticas de Michel Leiris, e nas de Jacques Maquet, Talal Asad e muitos outros, a qualidade de não-reciprocidade da interpretação etnográfica tem sido questionada (Leiris, 1950b; Maquet, 1964; Asad, 1973). Conseqüentemente, nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes. Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia. Até o final deste artigo, vamos resenhar esses emergentes modos de autoridade.

Um modelo discursivo de prática etnográfica traz para o centro da cena a intersubjetividade de toda fala, juntamente com seu contexto performativo imediato. O trabalho de Benveniste sobre o papel constitutivo dos pronomes pessoais e demonstrativos ressalta justamente estas dimensões. Todo uso do pronome *eu* pressupõe um *você*, e cada instância do discurso é imediatamente ligada a uma situação específica, compartilhada; assim, não há nenhum significado discursivo sem interlocução e contexto. A relevância desta ênfase para a etnografia é evidente. O trabalho de campo é significa-

tivamente composto de eventos de linguagem; mas a linguagem, nas palavras de Bakhtin, “repousa nas margens entre o eu e o outro. Metade de uma palavra, na linguagem, pertence a outra pessoa”. O crítico russo propõe que se repense a linguagem em termos de situações discursivas específicas: “Não há”, escreve ele, “nenhuma palavra ou forma ‘neutra’ – palavras e formas que podem não pertencer a ‘ninguém’; a linguagem é completamente tomada, atravessada por intenções e sotaques” (Bakhtin, 1981b, p. 293). As palavras da escrita etnográfica, portanto, não podem ser pensadas como monológicas, como a legítima declaração sobre, ou a interpretação de uma realidade abstraída e textualizada. A linguagem da etnografia é atravessada por outras subjetividades e nuances contextuais específicas, pois toda linguagem, na visão de Bakhtin, é uma “concreta concepção heteroglota do mundo” (ibid., p. 293).

As formas da escrita etnográfica que se apresentam no modo “discursivo” tendem a estar mais preocupadas com a representação dos contextos de pesquisa e situações de interlocução. Portanto, um livro como o de Paul Rabinow, *Reflections on fieldwork in Morocco* (1977), se preocupa com a representação de uma específica situação de pesquisa (uma série de tempos e lugares limitadores) e (de uma forma algo ficcional) de uma seqüência de interlocutores individuais. Na verdade, todo um novo subgênero de “relatos sobre o trabalho de campo” (do qual o de Rabinow é um dos mais vigorosos) pode ser situado dentro do paradigma discursivo da escrita etnográfica. O texto de Jeanne Favret-Saada, *Les mots, la mort, les sorts* (1977), é uma experiência incisiva e autoconsciente de etnografia num modo discursivo.⁷ Ela afirma que o evento da interlocução sempre destina ao etnógrafo uma posição específica numa teia de relações intersubjetivas. Não há nenhuma posição neutra no campo de poder dos posicionamentos discursivos, numa cambiante matriz de relacionamentos de *eus* e *vocês*.

Uma série de recentes trabalhos tem escolhido apresentar os processos discursivos da etnografia sob a forma de um diálogo entre dois indivíduos. O texto de Camille Lacoste-Dujardin, *Dialogue des femmes en ethnologie* (1977), o de Jean-Paul Dumont, *The headman and I* (1978) e o de Marjorie Shostak, *Nisa: the life and words*

of a !kung woman (1981), são exemplos dignos de nota. O modo dialógico é representado com considerável sofisticação em dois outros textos. O primeiro, as reflexões teóricas de Kevin Dwyer sobre a “diálogica da etnologia”, nasce de uma série de entrevistas com um informante-chave e justifica a decisão de Dwyer (1977, 1979, 1982) de estruturar sua etnografia na forma de um registro bastante literal desses intercâmbios. O segundo trabalho, mais complexo, é o de Vicent Crapanzano, *Tuhami: portrait of a Moroccan*, outro relato de uma série de entrevistas que rejeita qualquer separação nítida entre um eu que interpreta e um outro textualizado (1980; ver também 1977). Tanto Dwyer quanto Crapanzano colocam a etnografia num processo de diálogo em que os interlocutores negociam ativamente uma visão compartilhada da realidade. Crapanzano argumenta que esta mútua construção está presente em qualquer encontro etnográfico, mas que os participantes tendem a supor que eles simplesmente aquiesceram em relação à realidade do outro interlocutor. Assim, por exemplo, o etnógrafo das ilhas Trobriand não elabora abertamente uma versão da realidade em colaboração com seus informantes, mas sim interpreta o “ponto de vista trobriandês”. Crapanzano e Dwyer oferecem tentativas sofisticadas de romper com esta convenção literário-hermenêutica. Nesse processo, a autoridade do etnógrafo como narrador e intérprete é alterada. Dwyer propõe uma hermenêutica da “vulnerabilidade”, frisando as lacunas do trabalho de campo, a posição dividida e o controle imperfeito por parte do etnógrafo. Tanto Crapanzano quanto Dwyer buscam representar a experiência da pesquisa de uma forma que expõe a tessitura textualizada do outro, e assim também do eu que interpreta.⁸ (Aqui as etimologias são evocativas: a palavra *texto* está relacionada, como se sabe, com tecelagem, e *vulnerabilidade*, com entrega ou com ferimento, significando, nesta instância, a abertura de uma autoridade até então fechada.)

O modelo do diálogo ressalta precisamente aqueles elementos discursivos – circunstanciais e intersubjetivos – que Ricoeur teve de excluir de seu modelo de texto. Mas se a autoridade interpretativa está baseada na exclusão do diálogo, o inverso também é

verdadeiro: uma autoridade puramente dialógica reprimiria o fato inescapável da textualização. Enquanto as etnografias articuladas como encontros entre dois indivíduos podem com sucesso dramatizar o dar-e-receber intersubjetivo do trabalho de campo e introduzem um contraponto de vozes autorais, elas permanecem *representações* do diálogo. Como textos, elas podem não ser dialógicas em sua estrutura, pois, como Stephen Tyler (1981) assinala, embora Sócrates apareça como um participante descentrado em seus encontros, Platão retém o pleno controle do diálogo. Este deslocamento, mas não eliminação, da autoridade monológica é característico de qualquer abordagem que retrate o etnógrafo como um personagem distinto na narrativa do trabalho de campo. Além disso, há uma freqüente tendência, nas ficções de diálogo, a apresentar o interlocutor do etnógrafo como o representante, ou a representante, de sua cultura – um tipo, na linguagem do realismo tradicional – por meio do qual os processos sociais gerais são revelados.⁹ Tal retrato restabelece a autoridade interpretativa fundada na sinédoque, por meio da qual o etnógrafo lê o texto em relação ao contexto, constituindo, desse modo, um “outro” mundo significativo. Se é difícil, para representações dialógicas, escapar de procedimentos tipificantes, elas podem, num grau considerável, resistir ao impulso de representar o outro de forma autolegitimadora. Isto depende de sua habilidade ficcional em manter a estranheza da outra voz e de não perder de vista as contingências específicas do intercâmbio.

◊ ◊ ◊

Dizer que uma etnografia é composta de discursos e que seus diferentes componentes estão relacionados dialogicamente não significa dizer que sua forma textual deva ser a de um diálogo literal. Na verdade, como Crapanzano reconhece em *Tuhami*, um terceiro participante, real ou imaginado, funciona como mediador em qualquer encontro entre dois indivíduos (1980, p. 147-151). O diálogo ficcional é de fato uma condensação, uma representação simplificada de complexos processos multivocais. Uma maneira alternativa de representar essa complexidade discursiva é entender o curso geral da pesquisa como uma negociação em andamento. O

caso de Marcel Griaule e os dogon é bem conhecido e particularmente esclarecedor. O relato de Griaule sobre seu aprendizado da sabedoria cosmológica dogon, *Dieu d'eau* (1948a), foi um pioneiro exercício de narração etnográfica dialógica. Para além desta situação interlocutória específica, porém, um processo mais complexo estava em funcionamento, pois é claro que o conteúdo e o gradual ajustamento da longa pesquisa feita pela equipe de Griaule, que durou décadas, foram monitorados de perto e modelados de forma significativa pelas autoridades tribais dogon (ver discussão aprofundada em “Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule” neste livro). Isto não é mais novidade. Muitos etnógrafos comentaram as formas, ao mesmo tempo sutis e notórias, pelas quais suas pesquisas foram direcionadas ou circunscritas por seus informantes. Em sua provocativa discussão deste tema, Ioan Lewis (1973) chegou a chamar a antropologia de uma forma de “plágio”.

O processo de dar-e-receber da etnografia é claramente retratado em um estudo de 1980, notável por sua apresentação, numa única obra, tanto de uma realidade “outra” interpretada *quanto* do próprio processo de pesquisa: *Ilongot headhunting*, de Renato Rosaldo. Rosaldo chega às terras altas das Filipinas pretendendo escrever um estudo sincrônico de estrutura social; mas recorrentemente, apesar de suas objeções, ele é forçado a escutar as narrativas intermináveis dos ilongot sobre a história local. Por obrigação, sem prestar muita atenção, numa espécie de transe entediado, ele transcreve estas histórias, enchendo cadernos e mais cadernos com o que ele considera textos dispensáveis. Só depois de deixar o campo, e após um longo processo de reinterpretção (processo manifesto na etnografia), ele se dá conta de que aqueles obscuros relatos forneciam na verdade seu tema final: o sentido culturalmente distinto de narrativa e história dos ilongot. A experiência de Rosaldo do que pode ser chamado de “escrita direcionada” propõe incisivamente uma questão fundamental: quem é na verdade o autor das anotações feitas no campo?

O assunto é sutil e merece um estudo sistemático. Mas já foi dito o bastante para se poder afirmar que o controle nativo sobre

o conhecimento adquirido no campo pode ser considerável, e mesmo determinante. A escrita etnográfica atual está procurando novos meios de representar adequadamente a autoridade dos informantes. Há poucos modelos em que se basear, mas é importante reconsiderar as antigas compilações textuais de Boas, Malinowski, Leenhardt e outros. Nesses trabalhos, o gênero etnográfico não havia ainda se cristalizado na moderna monografia interpretacional, intimamente identificada com uma experiência de campo pessoal. Podemos contemplar neles um modo etnográfico que não se legitimou ainda naqueles modos específicos que agora estão sendo política e epistemologicamente questionados. Essas compilações mais antigas incluem muito, ou tudo, do que na verdade é escrito pelos informantes. Pode-se pensar aqui no papel de George Hunt na etnografia de Franz Boas, ou dos quinze *transcripteurs* listados nos *Documents néo-calédoniens*, de Leenhardt (1932).¹⁰

Malinowski é um complexo caso de transição. Suas etnografias refletem uma coalescência ainda incompleta da moderna monografia. Se ele por um lado foi centralmente responsável pela fusão de teoria e descrição na autoridade do pesquisador de campo profissional, por outro lado ele incluiu material que não sustentava diretamente sua nítida perspectiva de interpretação. Nos muitos mitos e nos encantamentos a ele ditados, e que enchem seus livros, publicou muitos dados que, assumidamente, não havia compreendido. O resultado foi um texto aberto sujeito a múltiplas reinterpretações. É importante comparar tais velhos compêndios com o recente modelo de etnografia, que cita as evidências para sustentar uma interpretação centrada num foco temático, mas que não vai muito além disso.¹¹ Na moderna e legítima monografia, não há, na verdade, quaisquer vozes fortes presentes, a não ser a do escritor; mas em *Os argonautas* (1922) e em *Coral gardens* (1935), lemos página após página sobre encantamentos mágicos, nenhum deles, em essência, expresso pelas palavras do etnógrafo. Estes textos ditados foram em tudo o mais, com exceção de sua inscrição física, escritos por específicos e anônimos trobriandeses. Na verdade, qualquer exposição etnográfica contínua inclui rotineiramente em si mesma uma diversidade de descrições, transcrições e interpretações feitas por

uma variedade de “autores” indígenas. Como essas presenças autorais devem ser manifestas?

◊ ◊ ◊

Uma posição útil – ainda que extrema – é trazida pela análise de Bakhtin sobre o romance “polifônico”. Uma condição fundamental do gênero, ele argumenta, é que ele representa sujeitos falantes num campo de múltiplos discursos. O romance luta com, e encena, a heteroglossia. Para Bakhtin, preocupado com a representação de todos não homogêneos, não há nenhum mundo cultural ou linguagem integrados. Todas as tentativas de propor tais unidades abstratas são constructos do poder monológico. Uma “cultura” é, concretamente, um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não membros, de diversas facções. Uma “língua” é a interação e a luta de dialetos regionais, jargões profissionais, lugares-comuns genéricos, a fala de diferentes grupos de idade, indivíduos etc. Para Bakhtin, o romance polifônico não é um *tour de force* de totalização cultural ou histórica (como críticos realistas, como György Lukács e Erich Auerbach, argumentaram), mas sim uma arena carnavalesca de diversidade. Bakhtin descobre um espaço textual utópico no qual a complexidade discursiva, a interação dialógica das vozes, pode ser acomodada. Nos romances de Dostoiévski ou de Dickens, ele valoriza precisamente sua resistência à totalidade; seu romancista ideal é um ventríloquo – no idioma do século XIX, um “polifonista”. “Ele representa a polícia com várias vozes diferentes”, exclama um ouvinte admirado, sobre o garoto Sloppy, que lê em público um jornal, em *Our mutual friend*, de Dickens. Mas Dickens, o ator, *performer* oral e polifonista, deve ser comparado a Flaubert, o mestre do controle autoral, que se move como um deus entre os pensamentos e os sentimentos de suas personagens. A etnografia, como o romance, debate-se entre essas alternativas. Será que o escritor etnográfico retrata o que os nativos pensam à maneira do flaubertiano “estilo indireto livre”, um estilo que suprime a citação direta em favor de um discurso controlador que é sempre, mais ou menos, o do autor? (Dan Sperber, 1981, tomando Evans-Pritchard como exemplo, mostrou de forma convincente que o estilo indireto é sem dúvida o modo preferido da inter-

pretação etnográfica.) Ou será que o retrato de outras subjetividades requer uma versão estilisticamente menos homogênea, cheia das “vozes diferentes” de Dickens?

Um certo uso do estilo indireto é inevitável, a menos que a novela ou a etnografia seja composta inteiramente de citações, algo que é teoricamente possível mas raramente é tentado.¹² Na prática, porém, a etnografia e o romance têm recorrido ao estilo indireto em diferentes níveis de abstração. Não precisamos nos perguntar como Flaubert sabe o que Emma Bovary está pensando, mas a habilidade do pesquisador de campo em habitar as mentes nativas suscita sempre dúvidas. Certamente isto é um problema permanente, não resolvido, do método etnográfico. Os etnógrafos têm geralmente evitado atribuir crenças, sentimentos e pensamentos aos indivíduos. Mas não têm hesitado em atribuir estados subjetivos a culturas. A análise de Sperber revela como frases tais como “os nuer pensam...” ou “o senso nuer de tempo” são fundamentalmente diferentes de citações ou traduções do discurso nativo. Tais declarações não têm “nenhum falante específico” e são literalmente equívocas, combinando de forma contínua as afirmações do etnógrafo com as do, ou dos informantes (1981, p. 78). São abundantes nas etnografias frases que não são atribuídas a ninguém, tais como: “Os espíritos retornam à aldeia durante a noite”, descrições de crenças nas quais o escritor assume na verdade a voz da cultura.

Neste nível “cultural”, os etnógrafos aspiram à onisciência flaubertiana que se move livremente por um mundo de sujeitos nativos. Sob a superfície, no entanto, seus textos são menos controlados e mais discordantes. O trabalho de Victor Turner fornece um exemplo revelador, que vale a pena investigar mais de perto como um caso de interação entre a exposição monofônica e a polifônica. As etnografias de Turner oferecem retratos soberbamente complexos dos símbolos, rituais e crenças ndembu; e ele forneceu também alguns vislumbres incomumente explícitos dos bastidores. Em meio aos ensaios reunidos em *The forest of symbols*, seu terceiro livro sobre os ndembu, Turner oferece um retrato de seu melhor informante, “Muchona the Hornet, interpreter of religion” (1967,

p. 131-150). Muchona, um curandeiro ritual, e Turner se unem por meio do interesse compartilhado pelos símbolos tradicionais, as etimologias e os significados esotéricos. Ambos são “intelectuais”, intérpretes apaixonados das nuances e profundezas dos costumes; ambos são *scholars* desenraizados partilhando “a insaciável sede de conhecimento objetivo”. Turner compara Muchona a um professor universitário; seu relato desta colaboração inclui mais do que simples insinuações de que ele é seu “duplo” psicológico.

Há, porém, uma terceira presença nesse diálogo, Windson Kashinakaji, um veterano professor ndembu da escola missionária local. Ele reúne Muchona e Turner e compartilha da paixão deles pela interpretação da religião tradicional. Por meio de sua educação bíblica, ele “adquiriu um faro apurado para elucidar questões intrincadas” (ibid.). Tendo se tornado cético a respeito dos dogmas cristãos e dos privilégios missionários, ele olha com simpatia para a religião pagã. Kashinakaji, conta-nos Turner, “transpôs a distância cultural entre Muchona e eu, transformando o jargão técnico do curandeiro e a picante gíria da aldeia numa prosa que eu pudesse entender melhor” (ibid.). Os três intelectuais logo “estabeleceram uma espécie de seminário diário sobre religião” (ibid.). Os relatos de Turner sobre esse seminário são estilizados: “oito meses de estimulantes e ágeis discussões entre nós três, principalmente sobre o ritual ndembu” (ibid.). Eles revelam um extraordinário “colóquio” etnográfico; mas, significativamente, Turner não faz dessa colaboração a três o eixo de seu ensaio. Em vez disso, ele centra o foco em Muchona, transformando portanto um “triálogo” num diálogo, e transformando uma relação produtiva, complexa e sedutora no “retrato” de um “informante” (esta redução foi de alguma forma exigida pelo formato do livro no qual o ensaio primeiramente apareceu, a importante coletânea editada em 1960 por Joseph Casagrande, *In the company of men: twenty portraits of anthropological informants*).¹³

Os trabalhos publicados de Turner variam consideravelmente em sua estrutura discursiva. Alguns são em grande parte compostos por citações diretas; em pelo menos um ensaio, Muchona é identificado como a principal fonte de toda a interpretação; em outra

parte, ele é invocado anonimamente, por exemplo, como “um especialista em ritual” (Turner, 1975, p. 40-42, 87, 154-156, 244). Windson Kashinakaji é identificado como assistente e tradutor, em vez de uma fonte de interpretações. De forma geral, as etnografias de Turner são incomumente polifônicas, abertamente construídas a partir de citações (“De acordo com um adepto...” ou “Um informante acha...”). No entanto, ele não representa os ndembu em diferentes vozes, e ouvimos poucas vezes a tal “picante gíria da aldeia”. Todas as vozes do campo foram suavizadas na prosa expositória de “informantes” mais ou menos intercambiáveis. A enunciação do discurso nativo numa etnografia, o necessário grau de tradução e familiarização são complicados problemas práticos e retóricos.¹⁴ Mas os trabalhos de Turner, ao darem um lugar visível às interpretações nativas dos costumes, expõem concretamente esses temas do dialogismo textual e da polifonia.

A inclusão da descrição de Muchona feita por Turner em *The forest of symbols* pode ser vista como sinal dos tempos. A coletânea de Casagrande na qual ela originalmente apareceu teve o efeito de isolar o tema crucial das relações entre etnógrafos e seus colaboradores indígenas. A discussão desse tema ainda não tinha lugar nas etnografias científicas, mas a coletânea de Casagrande abalou o tabu profissional pós-malinowskiano sobre os “informantes privilegiados”. Raymond Firth sobre Pa Fenuatara, Robert Lowie sobre Jim Carpenter – uma longa lista de reconhecidos antropólogos descreveram os “etnógrafos” indígenas com quem eles dividiram, em algum grau, uma visão distanciada, analítica e mesmo irônica dos costumes. Esses indivíduos se tornaram informantes valorizados porque entenderam, muitas vezes com grande sutileza, o que implica uma atitude etnográfica diante da cultura. Na citação de Lowie de seu intérprete crow (e colega “filólogo”), Jim Carpenter, percebe-se uma atitude comum: “Quando você escuta os velhos contando suas visões, você *tem* de acreditar nelas” (Casagrande, 1960, p. 428). E há bem mais do que apenas uma piscadela e um assentimento cúmplice na história recontada por Firth sobre seu melhor amigo e informante tikopiano:

Em outra ocasião, a conversa recaiu sobre as redes feitas para pegar trutas no lago. As redes estavam ficando escuras, possivelmente com material orgânico, e tendiam a se romper facilmente. Pa Fenuatara então contou uma história ao pessoal reunido na casa sobre como, quando estava certa vez no lago com suas redes, sentiu que um espírito passava pela rede, tornando-a mais macia. Quando ele puxou a rede para fora do lago, a achou pegajosa. O espírito havia trabalhado ali. Perguntei a ele então se isso era parte do conhecimento tradicional, a idéia de que espíritos eram responsáveis pela deterioração das redes. Ele respondeu: “Não, isso é uma idéia minha”. Então acrescentou, rindo: “Conhecimento tradicional de minha própria autoria”. (Ibid., p. 17-18)

Todo o impacto metodológico da coletânea de Casagrande permanece latente, especialmente quanto à importância de seus relatos para a produção dialógica dos textos e interpretações etnográficos. Esta importância é obscurecida por uma tendência a tomar o livro como um documento universalizante, humanista, que revela “uma sala de espelhos [...] numa grande variedade, a interminável imagem refletida do ser humano” (ibid., 1960, p. xii). À luz da atual crise na autoridade etnográfica, no entanto, estes reveladores retratos se imiscuem nas obras de seus autores, alterando o modo como elas podem ser lidas. Se a etnografia é parte do que Roy Wagner (1980) chama de “a invenção da cultura”, sua atividade é plural e além do controle de qualquer indivíduo.

◊ ◊ ◊

Uma maneira cada vez mais comum de realizar a produção colaborativa do conhecimento etnográfico é citar os informantes extensa e regularmente. (Um notável exemplo é *We eat the Mines, the Mines eat us*, de June Nash (1979).) Mas esta tática apenas começa a romper a autoridade monofônica. As citações são sempre colocadas pelo citador, e tendem a servir meramente como exemplos ou testemunhos confirmadores. Indo-se além da citação, pode-se imaginar uma polifonia mais radical que “representaria os nativos e o etnógrafo com vozes diferentes”; mas isso também apenas deslocaria a autoridade etnográfica, confirmando uma vez mais a orquestração final virtuosística feita por um só autor de todos os discursos presentes no texto. Neste sentido, a polifonia de Bakhtin,

muito estreitamente identificada com o romance, é uma heteroglossia domesticada. Os discursos etnográficos não são, em nenhuma circunstância, falas de personagens inventadas. Os informantes são indivíduos específicos com nomes próprios reais nomes que podem ser citados de forma modificada quando necessário. As intenções dos informantes são sobredeterminadas, suas palavras, política e metaforicamente complexas. Se alocadas num espaço textual autônomo e transcritas de forma suficientemente extensas, as declarações nativas fazem sentido em termos diferentes daqueles em que o etnógrafo as tenha organizado. A etnografia é invadida pela heteroglossia.

Esta possibilidade sugere uma estratégia textual alternativa, uma utopia da autoria plural que atribui aos colaboradores não apenas o *status* de enunciadores independentes, mas de escritores. Como uma forma de autoridade, ela deve ainda ser considerada utópica por duas razões. Primeiro, os poucos experimentos recentes de trabalhos de múltiplos autores parecem requerer, como uma força instigadora, o interesse de pesquisa de um etnógrafo que no fim assume uma posição executiva, editorial. A estratégia de autoridade de “dar voz” ao outro não é plenamente transcendida. Segundo, a própria idéia de autoria plural desafia a profunda identificação ocidental de qualquer organização de texto com a intenção de um único autor. Ainda que essa identificação fosse menos forte do que quando Lafitau escreveu seu *Moeurs des sauvages américains*, e a crítica recente a tenha colocado em questão, ela ainda é uma poderosa imposição sobre a escrita etnográfica. Todavia, há sinais de movimento nessa área. Os antropólogos terão cada vez mais de partilhar seus textos, e, por vezes, as folhas de rosto dos livros, com aqueles colaboradores nativos para os quais o termo *informante* não é mais adequado, se é que um algum dia o foi.

O livro de Ralph Bulmer e Ian Majnep, *Birds of my Kalam country* (1977), é um importante protótipo. (Tipos de letra diferentes distinguem as contribuições justapostas do etnógrafo e dos nativos da Nova Guiné, resultado da colaboração de mais de uma década.) Ainda mais significativo é o estudo de 1974, coletivamente produzido. *Piman shamanism and staying sickness* (Ka:çim Munkidag),

que lista em sua folha de rosto, sem distinção (embora não, deve-se notar, em ordem alfabética): Donald M. Bahr, antropólogo; Iuan Gregorio, xamã; David I. Lopez, intérprete; e Albert Alvarez, editor. Três destes quatro são índios papago, e o livro é conscientemente destinado a “transferir a um *xamã*, tanto quanto possível, as funções normalmente associadas à autoria. Estas incluem a opção por um determinado estilo explanativo, a obrigação de fazer interpretações e explicações e o direito de julgar as coisas que são importantes e as que não o são” (Bahr et al., 1974, p. 7). Bahr, o iniciador e organizador do projeto, optou por partilhar a autoridade tanto quanto possível. Gregorio, o xamã, aparece como a principal fonte da “teoria da doença” que é transcrita e traduzida, em dois níveis separados, por Lopez e Alvarez. Os textos de Gregorio em língua nativa incluem explicações compactadas, muitas vezes enigmáticas, que são elas mesmas interpretadas e contextualizadas por um comentário em separado de Bahr. O livro é incomum em sua enunciação textual da interpretação das interpretações.

Em *Piman shamanism*, a transição das enunciações individuais para as generalizações culturais é sempre visível na separação das vozes de Gregorio e de Bahr. A autoridade de Lopez, menos visível, é semelhante à de Windson Kashinakaji no trabalho de Turner. Sua fluência nas duas línguas guia Bahr pelas sutilezas da linguagem de Gregorio, permitindo assim ao xamã “falar extensivamente sobre tópicos teóricos”. Nem Lopez nem Alvarez aparecem como uma voz específica no texto, e sua contribuição à etnografia permanece em grande parte invisível, a não ser para qualificados papagos, capazes de avaliar a exatidão dos textos traduzidos e a nuance vernacular das interpretações de Bahr. A autoridade de Alvarez reside no fato de que *Piman shamanism* é um livro dirigido a públicos distintos. Para a maioria dos leitores interessados nas traduções e explicações que os textos trazem em língua piman, ele será de pouco ou nenhum interesse. O lingüista Alvarez no entanto corrigiu as transcrições e traduções atentando para seu uso no ensino da língua piman, utilizando uma ortografia que ele desenvolvera com este propósito. Assim, o livro contribui para a invenção literária dos papago em relação à sua própria cultura. Esta leitura

diferente, inserida em *Piman shamanism*, é de importância mais do que apenas local.

É intrínseco à ruptura da autoridade monológica que as etnografias não mais se dirijam a um único tipo geral de leitor. A multiplicação das leituras possíveis reflete o fato de que a consciência “etnográfica” não pode mais ser considerada monopólio de certas culturas e classes sociais no Ocidente. Mesmo nas etnografias em que faltem os textos em língua nativa, os leitores indígenas irão decodificar diferentemente as interpretações e o conhecimento nativo textualizados. Os trabalhos polifônicos são especialmente abertos a leituras não especificamente intencionais. Os leitores trobriandeses podem achar as interpretações de Malinowski cansativas, mas considerar seus exemplos e extensas transcrições evocativas. Os ndembu não irão glosar tão rapidamente quanto leitores europeus as diferentes vozes que existem nos textos de Turner.

A recente teoria literária sugere que a eficácia de um texto em fazer sentido de uma forma coerente depende menos das intenções pretendidas do autor do que da atividade criativa de um leitor. Para citar Roland Barthes, se um texto é “a trama de citações retiradas de inumeráveis centros de cultura”, então “a unidade de um texto repousa não em sua origem, mas em seu destino” (1977, p. 146, 148). A escrita da etnografia, uma atividade não controlada e multissubjetiva, ganha coerência por meio de atos específicos de leitura. Mas há sempre uma variedade de leituras possíveis (além das apropriações meramente individuais), leituras além do controle de qualquer autoridade única. Pode-se abordar uma etnografia clássica buscando simplesmente captar os significados que o pesquisador deduz a partir dos fatos culturais representados. Ou, como sugeri, pode-se também ler a contrapelo da voz dominante no texto, procurando outras semi-ocultas autoridades, reinterpretando as descrições, textos e citações reunidos pelo escritor. Com o recente questionamento dos estilos coloniais de representação, com a expansão da alfabetização e da consciência etnográfica, novas possibilidades de leitura (e portanto de escrita) das descrições culturais estão surgindo.¹⁵

A concretização textual da autoridade é um problema recorrente para os experimentos contemporâneos em etnografia.¹⁶ Um modo mais antigo, realista – representado pelo frontispício de *Os argonautas do Pacífico Ocidental* e baseado na construção de um *tableau vivant* cultural destinado a ser visto a partir de um único ponto de vista, aquele que une o escritor e o leitor –, pode agora ser identificado como apenas um paradigma possível de autoridade. Pressupostos políticos e epistemológicos estão embutidos nestes e em outros estilos, pressupostos que o escritor etnográfico não pode mais se permitir ignorar. Os modos de autoridade resenhados aqui – o experiencial, o interpretativo, o dialógico, o polifônico – estão disponíveis a todos os escritores de textos etnográficos, ocidentais e não-ocidentais. Nenhum é obsoleto, nenhum é puro: há lugar para invenção dentro de cada um destes paradigmas. Vimos como novas abordagens tendem a redescobrir práticas antes descartadas. A autoridade polifônica olha com renovada simpatia para compêndios de textos em língua nativa – formas expositivas distintas da monografia centralizada num só tema e ligada à observação participante. Agora que aquelas ingênuas afirmações da autoridade experiencial foram submetidas à suspeição hermenêutica, podemos antecipar uma atenção renovada à interação sutil entre componentes pessoais e disciplinares na pesquisa etnográfica.

Os processos experiencial, interpretativo, dialógico e polifônico são encontrados, de forma discordante, em cada etnografia, mas a apresentação coerente pressupõe um modo controlador de autoridade. Um argumento é que esta imposição de coerência a um processo textual sem controle é agora inevitavelmente uma questão de escolha estratégica. Tentei distinguir importantes estilos de autoridade na medida em que se tomaram visíveis nas décadas recentes. Se a escrita etnográfica está viva, como acredito que esteja, ela está em luta no limite dessas possibilidades, ao mesmo tempo que contra elas.

Notas

¹ Apenas os exemplos ingleses, americanos e franceses são discutidos. Ainda que os modos de autoridade aqui analisados possam, muito provavelmente,

ser amplamente generalizados, nenhuma tentativa foi feita no sentido de estendê-los a outras tradições nacionais. Supõe-se também, na tradição antipositivista de Wilhelm Dilthey, que a etnografia é um processo de interpretação, não de explicação. Modos de autoridade baseados em epistemologias das ciências naturais não são aqui discutidos. Em virtude de sua ênfase sobre a observação participante como um processo intersubjetivo e como traço definidor da etnografia do século XX, essa discussão deixa de lado uma série de fontes alternativas de autoridade: por exemplo, o peso do conhecimento acumulado em "arquivos" sobre determinados grupos; ou a perspectiva de comparação intercultural; ou o trabalho de levantamento estatístico.

² A "heteroglossia" supõe que as

[...] línguas não se excluem, mas sim têm interseções umas com as outras, de muitas formas diferentes (a língua ucraniana, a linguagem do poema épico, do primeiro simbolismo, do estudante, de uma geração específica de crianças, do intelectual mediano, do nietzschiano etc.). É possível mesmo que a própria palavra "linguagem" perca todo sentido nesse processo – pois aparentemente não há nenhum plano único no qual todas estas "linguagens" possam se justapor. (Bakhtin, 1981b, p. 291)

O que se diz das linguagens se aplica igualmente às "culturas" e às "subculturas". Ver também Volosinov (Bakhtin?), 1973, especialmente capítulos 1-3; e Todorov, 1981, p. 88-93.

³ Não tentei investigar estilos de escrita etnográfica que possam estar sendo gerados fora do Ocidente. Como Edward Said, Paulin Hountondji e outros mostraram, um considerável esforço de "limpeza" ideológica, um trabalho crítico de oposição, é contínuo; é a ele que os intelectuais não-ocidentais têm devotado grande parte de suas energias. Minha discussão se mantém nos limites de um ciência cultural realista elaborada no Ocidente, embora em suas fronteiras experimentais. Mais ainda: ela não está considerando aqui como áreas de inovação os gêneros "paraetnográficos" da história oral, do romance não-ficcional, o "novo jornalismo", a literatura de viagem e o filme documentário.

⁴ Na atual crise de autoridade, a etnografia emergiu como tema para o escrutínio histórico. Para novas abordagens críticas, ver Hartog, 1971; Asad, 1973; Burridge, 1973, cap. 1; Duchet, 1971; Boon, 1982; De Certeau, 1980; Said, 1978b; Stocking Jr., 1983; e Rupp-Eisenreich, 1984.

⁵ Sobre a supressão do diálogo no frontispício do livro de Lafitau e a constituição de uma "antropologia" textualizada, a-histórica e visualmente orientada, ver a detalhada análise de Michel de Certeau (1980).

⁶ O conceito é algumas vezes muito apressadamente associado à intuição ou empatia, mas como uma descrição do conhecimento etnográfico, *Verstehen* envolve propriamente uma crítica da experiência empática. O significado exato do termo é assunto de debate entre os especialistas em Dilthey (Makreel, 1975, p. 6-7).

⁷ Do livro de Favret-Saada (1981), ver, especialmente, o capítulo 2. Sua experiência foi reescrita em outro nível ficcional em Favret-Saada e Contreras (1981).

⁸ Seria errado passar por cima das diferenças entre as posições teóricas de Dwyer e de Crapanzano. Dwyer, seguindo György Luckács, traduz o diálogo para a dialética marxista-hegeliana, mantendo fora de alcance, portanto, a possibilidade de uma restauração do sujeito humano, uma espécie de realização no e por meio do outro. Crapanzano recusa qualquer ancoragem numa teoria englobante, sendo sua única autoridade a do escritor do diálogo, uma autoridade minada por uma narrativa inconclusiva de encontro, ruptura e confusão. (É importante notar que o diálogo, tal como usado por Bakhtin, não é redutível à dialética.) Para uma defesa da antropologia dialógica, ver também Tedlock, 1979.

⁹ Sobre os "tipos" realistas, ver Luckács, 1964 passim. A tendência a transformar um indivíduo num enunciador cultural pode ser observada em *Dieu d'eau*, de Marcel Griaule (1948a). Isso ocorre ambivalentemente em *Nisa*, de Shostak (1981). Para uma discussão desta ambivalência e da complexidade discursiva resultante, ver a discussão em "Sobre a alegoria etnográfica" neste livro.

¹⁰ Para um estudo deste modo de produção textual, ver no presente livro "Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt". Ver também, neste contexto, a introdução de Fontana (1975) a *The Pima Indians*, de Frank Russell, sobre o oculto co-autor do livro, o índio papago José Lewis; Leiris, 1948a, discute a colaboração como co-autoria, tal como o faz Lewis, 1973. Para uma defesa programática da ênfase de Boas nos textos vernáculos e sua colaboração com Hunt, ver Goldman, 1980.

¹¹ O elaborado *Bwiti*, de James Fernandez (1985), é uma transgressão consciente da sintética forma monográfica, que retorna à escala malinowskiana e revive as funções "arquivísticas" da etnografia.

¹² Tal projeto é anunciado por Evans-Pritchard em sua introdução a *Man and woman among the Azande* (1974), um trabalho posterior que pode ser visto como uma reação contra a natureza fechada, analítica de suas próprias

etnografias anteriores. Sua inspiração é reconhecidamente Malinowski. (A noção de um livro inteiramente composto de citações é um sonho modernista associado a Walter Benjamin.)

¹³ Para uma perspectiva tipo “dinâmica de grupo” na etnografia, ver Yannopoulos e Martin, 1978. Para uma etnografia explicitamente baseada em “seminários” nativos, ver Jones e Konner, 1976.

¹⁴ O uso que faz Favret-Saada do dialeto e do tipo itálico em *Les mots, la mort, les sorts* (1977) é uma solução entre muitas para um problema que vem preocupando por muito tempo os romancistas realistas.

¹⁵ Um modelo extremamente sugestivo de exposição polifônica é fornecido pela edição, planejada para quatro volumes, dos textos etnográficos escritos, provocados e transcritos entre 1896 e 1914 por James Walker na reserva sioux de Pine Ridge. Três títulos já apareceram, editados por Raymond J. DeMaille e Elaine Jahner: *Lakota belief and ritual* (1982a), *Lakota society* (1982b) e *Lakota myth* (1983). Estes absorventes volumes na verdade redescobrem a homogeneidade textual da clássica monografia de Walker, de 1917, *The sun dance*, uma suma das declarações individuais publicadas numa tradução. Essas declarações feitas por mais de trinta pessoas chamadas de “autoridades” complementam e transcendem a síntese de Walker. Um longo trecho de *Lakota belief and ritual* foi escrito por Thomas Tyon, intérprete de Walker. O quarto volume da coleção será uma tradução de escritos de George Sword, um guerreiro e juiz oglala encorajado por Walker a registrar e interpretar o modo de vida tradicional. Os primeiros dois volumes apresentam os textos não publicados dos sábios lakota e as próprias descrições de Walker em formato idêntico. A etnografia aparece como um processo de produção coletiva. É essencial notar que a decisão da Sociedade Histórica do Colorado de publicar estes textos foi estimulada pelas solicitações crescentes da comunidade oglala em Pine Ridge por cópias do material de Walker para usá-las em aulas da história oglala (sobre Walker, ver Clifford, 1986a, p. 15-17).

¹⁶ Para um *survey* muito útil e completo das recentes etnografias experimentais, ver Marcus e Cushman, 1982; ver também Webster, 1982; Fahim, 1982; e Clifford e Marcus, 1986.

SOBRE A ALEGORIA ETNOGRÁFICA

1. Uma história na qual pessoas, coisas e eventos têm outro significado, como numa fábula ou numa parábola: as alegorias são usadas para ensinar ou explicar.
2. A apresentação de idéias por meio de tais histórias...!

Num ensaio sobre narrativa, Victor Turner argumenta que as *performances* sociais encenam histórias poderosas – míticas e também de senso comum – que proporcionam ao processo social uma retórica, “uma forma de enredo e um significado” (1980, p. 153). No que se segue, trato a própria etnografia como uma *performance* com enredo estruturado por histórias poderosas. Encarnadas em relatos escritos, tais histórias simultaneamente descrevem acontecimentos culturais reais e fazem afirmações adicionais, morais, ideológicas e mesmo cosmológicas. A escrita etnográfica é alegórica tanto no nível de seu conteúdo (o que ela diz sobre as culturas e suas histórias) quanto no de sua forma (as implicações de seu modo de textualização).

Um exemplo aparentemente simples introduzirá minha abordagem. Marjorie Shostak começa seu livro *Nisa: the life and words of a !Kung woman*, com a história de um nascimento ao modo !kung – com a mulher fora da aldeia, sozinha. Aqui estão alguns trechos:

Deitei-me ali e senti as dores vindo, outra vez. Então senti algo molhado, o início do nascimento. Pensei: “Epa, talvez isso seja a criança”. Levantei-me, peguei um cobertor e cobri Tashay com ele; ele ainda estava dormindo. Então peguei outro cobertor e minha pele de antílope e fui embora. Eu não estava sozinha? A única outra